

Uma vulva livre incomoda muita gente: intervenções e transposições em um evento de lambe-lambe*

A free vulva bothers many: Interventions and Transpositions in a lambe-lambe Event

Bianca Caroline¹

<http://lattes.cnpq.br/0961321793490185>

<https://orcid.org/0000-0001-9328-7781>

biancaorosso@alunos.utfpr.edu.br

Luciana Martha Silveira²

<http://lattes.cnpq.br/9969574876271040>

<https://orcid.org/0000-0003-0990-0892>

silveira.lucianam@gmail.com

1. Mestranda no curso de Pós Graduação em Tecnologia e Sociedade da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (PPGTE — UTFPR), na linha de Mediações e Culturas. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior — Brasil (CAPES) — Código de Financiamento 001.

2. Professora do Programa de Pós-Graduação em Tecnologia e Sociedade (PPGTE-UTFPR), na linha de Mediações e Culturas. Doutora em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2002) e pós-doutorado na Universidade de Michigan (2010).

* Agradecemos ao Prof. Dr. Ronaldo Correa e a Profa. Dra. Yasmin Fabris, ministrantes da disciplina onde este texto começou a ser elaborado, pelos conhecimentos compartilhados e por comentários, em uma versão anterior a este manuscrito, que tornaram essa pesquisa possível. Agradecemos à artista Bruna Alcantara pela atenciosidade e entusiasmo em nos ceder uso de imagem de seu trabalho, bem como aos artistas Diogo Rustoff e Leonardo Mareco, por terem nos cedido as fotografias apresentadas no presente ensaio. Também agradecemos a Mateus Pelanda por ter auxiliado na revisão do texto e por comentários pertinentes.



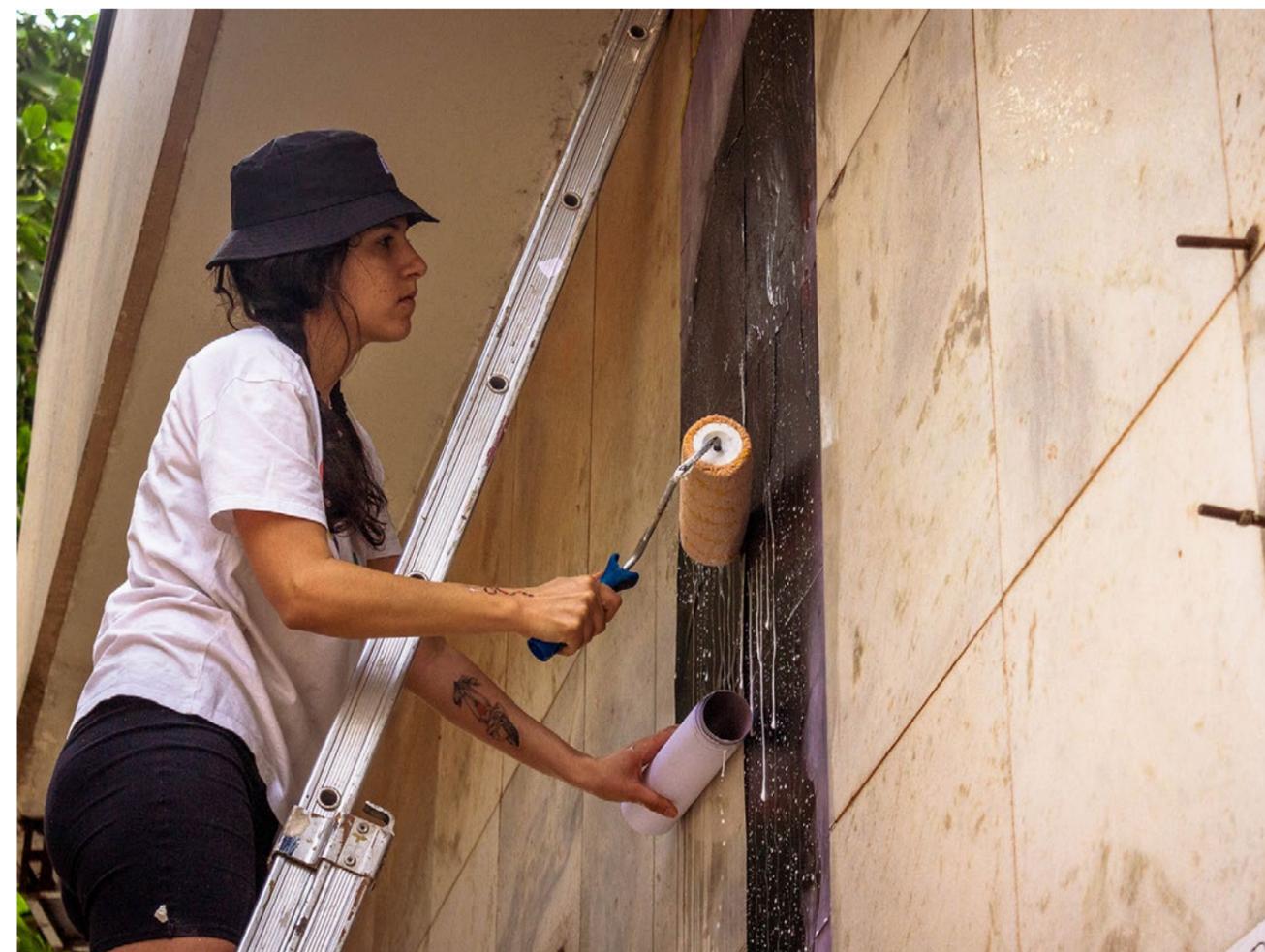
Resumo: O lambe-lambe é uma linguagem artística caracterizada pela colagem de imagens em espaços urbanos. Em 2022, aconteceu o Festival LambesGóia, que propôs a exposição de lambes nas ruas de Goiânia e na Vila Cultural Cora Coralina. O objetivo deste ensaio é tensionar a presença de representações do feminino no espaço público, refletidas em discursos curatoriais e em intervenções imprevistas. Para isso, utilizaremos como ponto reflexivo o lambe Nossa Senhora da Vulva Livre, da artista Bruna Alcantara.

Palavras-chave: Arte Urbana; Lambe-lambe; Misoginia; Narrativas curatoriais; Feminismo

Abstract: *Lambe-lambe is an artistic language that involves the collage of images in urban spaces. The recent LambesGóia Festival held in 2022 showcased wheat pasted collages and imageries on the streets of Goiânia and at Vila Cultural Cora Coralina, in Brazil. The essay's objective is to tension the presence of feminine's representations in public space, as reflected by curatorial discourses and unforeseen interventions. To illustrate this, we will critically examine the individual mural, Nossa Senhora da Vulva Livre, created by the artist Bruna Alcantara.*

Keywords: Urban Art; Lambe-lambe; Misogyny; Curatorial narratives; Feminism

Tradicionalmente, o lambe-lambe (ou somente “lambe”) pode ser compreendido como uma linguagem artística que tem como base a colagem de imagens em espaços urbanos, com a premissa de transmitir mensagens críticas a respeito de questões político-sociais (OLIVEIRA, 2015, p.7[pdf]). Com a proposta de reunir praticantes de lambe, em 2022 aconteceu a segunda edição do Festival LambesGóia, que teve curadoria da comunidade Lambes Brasil. Dentre as atividades propostas pelo festival, foi realizada uma mostra coletiva no espaço expositivo da Vila Cultural Cora Coralina e diversas montagens de murais individuais de artistas, distribuídos pelas ruas de Goiânia. Em uma descrição sobre a primeira edição do festival, realizada em 2019, os curadores afirmam que “O Lambe-lambe é talvez a forma de intervenção urbana mais democrática que existe.” (LAMBES BRASIL, 2019). Já em entrevista sobre a segunda edição do evento, o produtor, curador e artista Diogo Rustoff demonstra uma nova posição: “nesta segunda edição a gente quis institucionalizar um pouco esta vertente da arte urbana” (LAMBES-GÓIA, 2022). Nesse sentido, na segunda edição do evento, os lambes foram “descolados” do contexto urbano e foram também “colados” em um contexto de “galeria” tradicional. Uma das convidadas para expor um dos murais individuais nas ruas de Goiânia, foi a jornalista, artista e colaboradora do coletivo Lambes Brasil, Bruna Alcantara. O lambe proposto por Bruna





Fotocronografias, Porto Alegre, v.09, n.21, 2023



Fotocronografias, Porto Alegre, v.09, n.21, 2023



Fotocronografias, Porto Alegre, v.09, n.21, 2023

O lambe proposto por Bruna Alcantara, intitulado Nossa Senhora da Vulva Livre, é um autorretrato e traz a imagem de uma mulher nua, em pose de Vênus, amamentando um bebê. Na região do quadril, está presente um bordado representando sua vagina. Na imagem, a cabeça da mulher está envolta por uma forma circular semelhante a uma auréola, signo de sacralização de imagens em religiões cristãs. Como fundo da figura desta mulher, estão presentes adornos também na técnica do bordado. Em entrevista ao Jornal Metrôpoles, a artista relata que a obra busca transmitir “a dor e a delícia de ser mãe e sobre a condição de mulher santificada”¹.

Cerca de 12 horas após a colagem do lambe na fachada de um edifício localizado no centro da cidade de Goiânia, o trabalho de Bruna Alcantara foi parcialmente destruído. Nesta “intervenção” a única parte danificada e arrancada da imagem foi o bordado que representa sua vagina. Como sinal de protesto à retirada da representação da vagina do lambe da artista, uma nova intervenção foi realizada sobre a obra: um novo órgão foi desenhado, ocupando o mesmo lugar no corpo simbolicamente invadido.



1. Informação retirada de matéria sobre o lambe de Bruna Alcantara no Jornal Metrôpoles. Obra de arte feminista é destruída 12h depois de pronta em Goiânia. Publicada em 27 de julho de 2022. Disponível em: <<https://www.metropoles.com/brasil/obra-de-arte-feminista-e-destruida-12h-depois-de-pronta-em-goiania>>. Acesso em: 22 de agosto de 2023.



Como imagem exposta em um ambiente urbano, somada às intervenções que aconteceram sobre o trabalho e os discursos curatoriais, o lambe de Bruna Alcantara provoca reflexões entre os universos do público e do privado, assim como da questão simbólica ao tratar do corpo da mulher. As representações visuais da artista nua e amamentando remetem a um espaço feminilizado, associado à esfera doméstica, do lar e do cuidado. Por se tratar de uma imagem que faz referência às imagens sagradas das madonas com o menino Jesus nos braços, Bruna Alcantara também realiza uma transposição do próprio sagrado, adicionando uma vagina em destaque (órgão sexual reprodutor) à uma imagem que é culturalmente entendida como virgem, sem sexualidade.

Além do simbolismo conferido pela temática da maternidade e do sagrado, a escolha da artista pela utilização da técnica do bordado se aproxima materialmente de uma linguagem artística associada ao universo do feminino². Ao ser exposto em um espaço público, através de uma linguagem artística urbana, a artista retirou esses elementos dos esperados espaços da feminilidade³, do lar e da domesticidade, transportando-os para a esfera do trabalho, do convívio público e da circulação de transeuntes.

O discurso curatorial do Festival LambesGóia, “de institucionalizar a linguagem do lambe”, colocou outros trabalhos com temáticas e representações visuais, semelhantes ao trabalho de Bruna, em “segurança” dentro do espaço expositivo. Já o lambe da artista, quando colado na rua, fora da galeria, evidenciou simbolicamente uma violência contra o corpo da mulher. Nesse sentido, a transposição dos espaços, da galeria e da rua, também agenciou a forma como seus frequentadores agiram sobre as obras — a figura do transeunte extrapolou os limites da observação, agindo agressivamente sobre a imagem de um corpo exposto. Quem interferiu realizou, simbolicamente uma clitoridectomia, uma mutilação do órgão genital feminino. Nas palavras de Pollock (2013, p.163), em tom de sarcasmo: “Em julgamentos de estupro, assume-se que as mulheres na rua ‘estão pedindo’”. Tal agressão, além de seu caráter misógino, também pode ser interpretada como uma tentativa de retomada da ideia conservadora da mulher mãe como um ser sagrado e puro, análoga à uma idealização da Virgem Maria.

Encerramos este ensaio com os seguintes questionamentos: Como se relacionam questões de gênero e suas representações visuais com o complexo paradoxo do público e do privado? Qual o limite curatorial no agenciamento da participação em obras de arte em um contexto urbano? Em paralelo à célebre obra do coletivo Guerrilla Girls, as mulheres precisam estar vestidas para ocuparem os muros da cidade?

2. Aqui poderíamos estender o trabalho para a questão do bordado como uma técnica associada à feminilidade. Para isso poderíamos nos guiar pelas reflexões de Ana Paula Cavalcanti Simioni, em suas análises sobre os trabalhos da artista modernista Regina Gomide Graz, no texto “Gênero e materialidade das vanguardas: Regina Gomide Graz e a experiência de uma arte” (e na análise sobre o trabalho das artistas Rosana Paulino e Rosana Palazyan, no texto “Bordado e transgressão: questões de gênero na arte de Rosana Paulino e Rosana Palazyan” (2010).

3. Segundo a autora Griselda Pollock (2013, p.128, tradução nossa), os espaços da feminilidade “[...] são aqueles em que a feminilidade é vivenciada posicionalmente no discurso e nas práticas sociais. Eles são o produto de um sentido vivido de localização, mobilidade e visibilidade social, dentro das relações sociais de ver e ser visto. Moldados dentro da política sexual do olhar, eles demarcam uma organização social particular do olhar, que trabalha para assegurar uma ordem social particular da diferença sexual. A feminilidade é condição e efeito.”

Referências

OLIVEIRA, Diogo. Lambe-Lambe: à verticalização do baixo augusta. PhD Thesis, Universidade de São Paulo, 2015.

LAMBES BRASIL. LambesGóia, 2019. Disponível em: <<https://www.lambesbrasil.com.br/events-1/lambesgoia>>. Acesso em: 24 ago. 2022.

LAMBESGÓIA, Festival. “Entrevista @sagrestv @sistemasagres_ com a presença do @lambida. preta @maosdeet e @disgr.amada [...]”. Instagram. Disponível em: <<https://www.instagram.com/reel/ChCwcw4DnLg/>>. Acesso em: 25 ago. 2022.

POLLOCK, Griselda. Modernidad y espacios de la feminidad. In: _____. Visión y Diferencia: feminismo, feminidad e historias del arte. Buenos Aires: Fiordo, p. 112–163, 2013.